



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS, CAMPUS XXIII
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

VALDIRENE FERREIRA SOUZA

**POESIA E IDENTIDADE REGIONAL: A OBRA DE HUGO LUNA NA TRADIÇÃO
CULTURAL E LITERÁRIA BRASILEIRA**



Seabra, Bahia

2025

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS, CAMPUS XXIII
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

VALDIRENE FERREIRA SOUZA

**POESIA E IDENTIDADE REGIONAL: A OBRA DE HUGO LUNA NA TRADIÇÃO
CULTURAL E LITERÁRIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia Campus XXIII, Seabra, Bahia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Aline Nery dos santos

Seabra, Bahia

2025

VALDIRENE FERREIRA SOUZA

**POESIA E IDENTIDADE REGIONAL: A OBRA DE HUGO LUNA NA TRADIÇÃO
CULTURAL E LITERÁRIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e suas Literaturas, ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XXIII, Seabra-Bahia.

Aprovado em 15 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Aline Nery dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Examinador (a): Prof.^o José Welton Ferreira Júnior
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Examinador (a): Prof.^a Maria de Fátima Sudré de Andrade Bastos.
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Seabra, Bahia

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por este momento tão especial da minha trajetória. Aos meus pais, Osvaldo Rodrigues de Souza e Enais Ferreira Souza (in memoriam), minha eterna fonte de amor e luz, expresso profunda gratidão pelos ensinamentos, pelo apoio constante e pela sabedoria transmitida, acreditando sempre em minhas capacidades e lembrando-me, com carinho, da importância da disciplina e da responsabilidade. Estendo meu agradecimento aos meus quatro irmãos, pelo amor e pelo suporte nos momentos mais desafiadores.

Agradeço ao poeta **Hugo Luna** pelas entrevistas e pelas valiosas contribuições que possibilitaram a construção deste trabalho. Manifesto também minha gratidão ao meu esposo, pelo companheirismo e pelas palavras de incentivo, e a **Milena Sá Teles**, pela paciência e presença constante durante a realização deste sonho. À **Juscilene Bastos dos Santos** (in memoriam), registro meu reconhecimento pela amizade leal e pela parceria vibrante que compartilhamos ao longo de sua vida.

Por fim, agradeço à minha orientadora, **Prof.^a Dr.^a Aline Nery**, pela sabedoria, paciência e dedicação ao orientar este estudo. Seu incentivo e apoio foram fundamentais para que eu conseguisse superar os desafios e chegar ao encerramento deste ciclo.

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da obra poética de Hugo Luna, poeta natural de Seabra, Bahia, cuja produção literária valoriza e expressa a cultura, a religiosidade e a paisagem da Chapada Diamantina. A partir dos livros *As Estações do Tempo* (2022), *Gota Serena* (2019) e *Garimpo* (2023), investiga-se de que modo o autor entrelaça elementos da memória afetiva, do misticismo e da natureza em uma poética profundamente enraizada na tradição regional. Por meio de uma abordagem que articula crítica literária, ecopoética e estudos culturais, o estudo evidencia o compromisso de Luna com a preservação da identidade local e com a representação sensível do sertão baiano. A análise demonstra o papel da poesia como instrumento de resistência simbólica, reconstrução do imaginário coletivo e afirmação da territorialidade em um contexto marcado pela globalização e pelo apagamento das vozes periféricas. Nesse sentido, dialoga com as reflexões de Alfredo Bosi (1994), ao compreender o regionalismo literário como uma forma de valorização da diversidade cultural brasileira, ao mesmo tempo em que considera a perspectiva crítica de Durval de Albuquerque Júnior, que problematiza a construção simbólica do Nordeste ao discutir a chamada “invenção do Nordeste”.

Palavras-chave: Hugo Luna; poesia regional; Chapada Diamantina; ecopoesia; identidade cultural; literatura brasileira.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the poetic work of Hugo Luna, a poet from Seabra, Bahia, whose literary production expresses and reinforces the culture, religiosity, and landscape of the Chapada Diamantina region. Drawing on the books *As Estações do Tempo* (2022), *Gota Serena* (2019), and *Garimpo* (2023), this study investigates how the author intertwines elements of affective memory, mysticism, and nature within a poetic discourse deeply rooted in regional tradition. Through an approach that integrates literary criticism, ecopoetics, and cultural studies, the article highlights Luna's commitment to preserving local identity and sensitively representing the Bahian hinterland. The analysis demonstrates the role of poetry as an instrument of symbolic resistance, reconstruction of collective memory, and affirmation of territorial identity in a context marked by globalization and the erasure of peripheral voices. In this sense, it engages with the reflections of Alfredo Bosi (1994), who understands literary regionalism as a form of valuing Brazil's cultural diversity, while also considering the critical perspective of Durval de Albuquerque Júnior, who problematizes the symbolic construction of the Northeast when discussing the so-called "invention of the Northeast."

Keywords: Hugo Luna; regional poetry; Chapada Diamantina; ecopoetics; cultural identity; Brazilian literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 A CIDADE DO AUTOR	10
2 A ARTE DE CANTAR PALAVRAS DE HUGO LUNA.....	11
2.1 Com vocês o Poeta: Hugo Luna	11
3 ANÁLISES DAS POESIAS.....	14
3.1 A Fuga dos Rios: ecopoesia e denúncia ambiental.....	14
3.2 As Belezas do Sertão: celebração da identidade e da cultura sertaneja	16
4 HUGO LUNA MUSICADO.....	18
4.1 Análise do Hino à Seabra de São Sebastião.....	18
5 HUGO LUNA E A RELIGIÃO	21
5.1 Análise acadêmica.....	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24
ANEXOS.....	25

1 INTRODUÇÃO

A produção poética de Hugo de Luna Freire Sobrinho (Hugo Luna), marcada por temas ligados à natureza, à cultura regional e à religiosidade popular, constitui uma contribuição significativa para o panorama cultural e literário brasileiro. Seus poemas, como *A Fuga dos Rios*, *As Belezas do Sertão* e o *Hino à Seabra de São Sebastião*, estabelecem um diálogo direto com a tradição da Chapada Diamantina e com autores representativos da poesia regionalista, a exemplo de Patativa do Assaré. Ao abordar elementos essenciais da experiência sertaneja, sua obra se vincula ao princípio de que a literatura é um instrumento pelo qual “a sociedade toma consciência de si mesma” (CANDIDO, 2000, p. 18). Além disso, suas poesias mobilizam questões universais, como a preservação ambiental, a memória afetiva e a busca por identidade. Assim, este estudo examina de que modo sua produção se diferencia de outras obras contemporâneas e clássicas e como se insere na história cultural do Brasil.

A relevância dessa análise reside no papel que a literatura de Hugo Luna desempenha na valorização de memórias, símbolos e práticas culturais do sertão baiano. Segundo Maurice Halbwachs (1990), “a memória é sempre reconstruída a partir dos quadros sociais que a sustentam”, o que reforça o entendimento de que a poesia de Luna preserva e atualiza memórias coletivas fundamentais para a identidade sertaneja. A obra do poeta também se alinha ao que Câmara Cascudo (2001, p. 33) define como “a expressão viva das tradições, crenças e modos de agir de um povo”, uma vez que seus versos recuperam práticas culturais, religiosidade popular e territorialidade próprias da Chapada Diamantina.

O estudo dessa produção torna-se ainda mais pertinente em tempos de globalização, período caracterizado, segundo Hall (2006), pela fluidez das identidades culturais, constantemente transformadas pelas condições históricas. Nesse contexto, a produção poética de Hugo Luna configura-se como uma forma de resistência simbólica, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao espaço sertanejo e para a preservação de sua singularidade estética. Alinhada ao pensamento de Bosi (1994), que aponta o regionalismo literário como uma resposta à necessidade de reconhecer a diversidade cultural do país, sua obra reafirma a representatividade das vozes periféricas e contribui para a reconstrução do imaginário

coletivo. Em contrapartida, há uma noção de regionalismo menos otimista, como a proposta por Durval de Albuquerque Júnior, ao argumentar sobre a “invenção do Nordeste” e das artes ali produzidas, indicando que essas representações também podem resultar de construções históricas e discursivas.

Diante desse cenário, **o problema de pesquisa que orienta este trabalho é:** *de que maneira a poesia de Hugo Luna dialoga com a tradição literária regionalista e contribui para a construção e valorização da identidade cultural da Chapada Diamantina?*

Estabelece-se como **objetivo geral:**

Analisar a obra poética de Hugo Luna, incluindo o *Hino à Seabra*, identificando sua inserção e destaque no contexto cultural e literário brasileiro.

E como **objetivos específicos:**

- Identificar as influências literárias e culturais presentes em sua obra;
- Comparar seus poemas a produções de autores regionais e nacionais, especialmente dentro do regionalismo;
- Avaliar a contribuição de sua poesia para o fortalecimento da identidade cultural da Chapada Diamantina.

A **metodologia** desenvolvida neste trabalho possui abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, fundamentada na análise textual e cultural da obra poética de Hugo Luna. Adotou-se o procedimento de análise temática, buscando identificar recorrências simbólicas, estéticas e socioculturais presentes nos poemas *A Fuga dos Rios*, *As Belezas do Sertão* e no *Hino à Seabra de São Sebastião*. Também foram utilizadas referências teóricas do regionalismo literário, da ecopoesia e dos estudos da cultura popular. Além disso, realizou-se uma entrevista semiestruturada com o autor, cuja transcrição integral encontra-se em anexo, permitindo complementar a interpretação das obras a partir da perspectiva do próprio poeta. O estudo teve ainda o suporte de documentos, fotografias e registros biográficos disponibilizados pelo artista e por fontes públicas. A partir desses procedimentos, buscou-se compreender a relevância cultural, simbólica e literária da produção de Hugo Luna para a Chapada Diamantina e para a literatura brasileira contemporânea.

A tradição literária brasileira possui correntes marcantes, como o regionalismo e o modernismo, que valorizam o espaço rural e as particularidades socioculturais das diversas regiões. A obra de Hugo Luna dialoga com essa tradição, aproximando-se, por exemplo, da estética de Patativa do Assaré, cuja poesia retrata “o território simbólico, feito de luta, fé e imaginação” que constitui o Nordeste (SUASSUNA, 1971, p. 19). Além disso, sua abordagem da paisagem e da natureza ecoa a perspectiva de Michel Collot (2011, p. 22), para quem “a paisagem é inseparável da experiência sensível e imaginária que o sujeito mantém com o mundo”, reforçando a dimensão eco-poética presente em seus versos.

Em termos metodológicos, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico. Foram analisados os livros *As Estações do Tempo* (2022), *Gota Serena* (2019) e *Garimpo* (2023), além de entrevistas concedidas pelo autor e referenciais teóricos ligados aos estudos culturais, à eco-poética e à literatura regionalista. A análise busca compreender como os elementos temáticos, formais e simbólicos presentes em sua produção contribuem para a construção de uma poética que reafirma a identidade cultural e territorial da Chapada Diamantina.

1.1 A CIDADE DO AUTOR

Instituída em 14 de maio de 1889, SEABRA hoje é o centro geográfico da Bahia, situada antes no povoado de Campestre, considerada a Capital da Chapada Diamantina, pela sua extensão territorial e importância socioeconômica, a cidade é conhecida no cenário regional por conta da variedade dos serviços disponíveis, da diversidade de seu comércio, e por sediar vários órgãos estaduais e federais, incluído um Campus da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e um Campus do Instituto Federal da Bahia (IFBA) abriga o excedente turístico derivado dos municípios de Palmeiras, Lençóis e Iraquara. Seu nome é em homenagem ao ex-governador da Bahia: Dr. José Joaquim SEABRA, atualmente é uma das cidades mais populosas da Chapada Diamantina; favorecida por sua localização geográfica e pelas rodovias de acesso incluído a Br 242 rodovia transversal brasileira que atravessa a chapada diamantina e o oeste da Bahia.

A cidade também foi palco de um dos mais importantes movimentos sociais do estado da Bahia, o Coronelismo, este teve no município uma grande dimensão e foi responsável pela projeção não só de Seabra, como também de campestre nos

âmbitos estadual e nacional. A cidade de Seabra revelou no seu passado, presente e futuro que é também o berço de poetas, compositores, cantores e pintores como: Pedro Lima, pintor; Ioia Brandão, poeta e compositor; Zaldair Paiva, cantora; Percebes Rabelo, cantor e sanfoneiro, dentre outros que contribuíram e colaboram até os dias de hoje na seara da cultura desta jovem e bela cidade, a história seabrense já é uma fecunda inspiração dos poetas e artistas dessa terra, sem contar com as belas paisagens, em diferentes pontos, que a natureza proporciona à inspiração da alma desses poetas produtores da arte. Seabra é chamada carinhosamente por seus habitantes de “cidade das rosas”.

A ideia de realizar essa pesquisa surgiu no IV semestre, por Hugo Luna ser um grande artista, uma pessoa brilhante e muito importante na história da cidade de Seabra.

Como seabrense e assistindo as apresentações do poeta, percebi que tudo que ele realiza é muito bem-feito, além de ser uma referência na cultura e nas tradições locais da nossa cidade. Aprecio o estilo musical do cantor o forró pé de serra e a forma como ele se apresenta encantando a todos com carisma e respeito.

Contudo pretendo informar para a sociedade e o público que tiverem oportunidade de conhecê-lo, por meio dessa pesquisa. Sua trajetória e produção artística. Incluindo algumas obras que despertaram minha curiosidade e inspiração em conhecer cada vez mais sobre a história poética e musical do autor, e foi uma experiência encantadora pesquisar e aprender com Hugo Luna.

2 A ARTE DE CANTAR PALAVRAS DE HUGO LUNA

2.1 Com vocês o Poeta: Hugo Luna

Hugo de Luna Freire Sobrinho, conhecido artisticamente como Hugo Luna, nasceu em Seabra, Bahia, em 28 de julho de 1949. Filho de Tito Luna Freire, primeiro prefeito eleito do município, e de D. Alice de Souza Freire, é um artista autodidata cuja trajetória o consagra como músico, cantor, compositor, ator, multi-instrumentista e poeta. Sua relação com a arte começou ainda na infância, quando, aos 13 anos, na vila Parnaíba, em Iraquara, recebeu de presente do pai uma sanfona, instrumento que guiaria sua vida e sua estética musical. A respeito de sua formação artística, Hugo Luna afirma que “a arte é um dom com o qual o ser humano já nasce, algo determinado

pelo universo. O ambiente é responsável pelo incentivo. Minha carreira foi fortemente incentivada pelos meus pais, especialmente minha mãe, e minhas irmãs” (HUGO LUNA, 2025, entrevista oral).

A construção identitária de Hugo Luna, marcada pelo ambiente familiar e comunitário, dialoga com a compreensão de Stuart Hall (2006), para quem as identidades culturais são produzidas por meio de processos contínuos de formação e transformação, profundamente influenciadas pelos lugares de origem e pelas experiências vividas. Nesse sentido, sua biografia evidencia o entrelaçamento entre memória, pertencimento e expressão artística, elementos que Maurice Halbwachs (1990) considera fundamentais para a constituição da memória coletiva.

Ao longo de sua carreira, Luna lançou mais de dez discos e integrou grupos musicais de grande relevância regional e nacional, como Os Labaredas e Os Elétrons, este último responsável por dar origem à banda Chiclete com Banana. Em carreira solo, dedica-se atualmente ao forró pé de serra, preservando a tradição do gênero e reafirmando sua posição como um de seus mais autênticos representantes. No meio artístico, é reconhecido como “Majestade do Forró”, com um repertório que inclui canções de forte expressividade cultural, como “Baiano Grande”, “Cheiro de Goiaba” e “Depois Daquela Curva”, além de sua colaboração no livro *Causos Fantásticos*, do poeta Robson de Queiroz, e na coletânea *A Soma dos Três Rios*. Sua produção inclui ainda música sacra, o *Hino a Seabra de São Sebastião* e a canção *Um Blues Azul pra Água*.

Hugo Luna integra a Academia de Letras e Artes de Salvador, ocupando a cadeira 21, destinada à área de História. Sua atuação revela profundo compromisso com a valorização das tradições culturais da Chapada Diamantina, território que moldou sua sensibilidade artística. Em 1º de agosto de 2023, foi homenageado pela Câmara Municipal de Seabra durante sessão solene de outorga de título honorífico, reconhecimento que destaca a relevância de sua contribuição musical e literária para o município.

Embora mantenha vínculo forte com sua terra natal, a produção de Hugo Luna extrapola os limites regionais. O artista conquistou diversas premiações em São Paulo e realizou oito apresentações no teatro Citibank Hall, demonstrando a amplitude de

sua influência artística. Aposentado pelo Banco do Brasil, reside atualmente em Seabra, onde leva uma vida simples, voltada à criação e à contemplação das paisagens e vivências locais. Ao perceber o enfraquecimento do espaço dedicado à sanfona, símbolo da cultura nordestina, e motivado pelo sentimento de preservação da tradição, decidiu retornar à cidade natal para reacender a chama do forró raiz. Sua trajetória inclui ainda episódios de resistência, como a prisão durante o período da ditadura militar, aspecto que reforça o valor de sua expressão cultural como instrumento de afirmação identitária.

Entre 1º e 30 de junho de 2025, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), campus de Lençóis, realizou uma homenagem seguida de uma linda exposição que mostrou detalhes da vida do mais expressivo representante da música regional, em especial do forró “Principalmente na temática de como ele divulga, canta, gosta e pratica o forró pé de serra com o tema: Hugo Luna entre o acorde e o abraço, o forró vira história”. O evento destacou sua contribuição singular para a música regional e para a cultura nordestina. Em suas palavras:

“Foi uma coisa assim que me emocionou muito, foi uma exposição que todo mundo gostou e fui muito ovacionado por isso, mas de repente eu não me sinto assim superior. Eu acho que o artista quando está no palco não tem obrigação de tá impondo suas ideias de religiosidade nem de política para ninguém; cada um tem a sua. Eu tenho que mostrar a minha arte da música e da poesia”. (HUGO LUNA, 2025, entrevista oral).

A presença constante em eventos culturais reforça seu papel como referência artística da Chapada Diamantina. Em novembro de 2025, participou da FeliSe, Festa Literária de Seabra, na Biblioteca Professor Sá Teles, ocasião em que foi apresentada a exposição *Hugo Luna: Retratos de uma Vida Forrozeira na Chapada Diamantina*. Tal participação reafirma o que Câmara Cascudo (2001) descreve como a força da cultura popular, entendida como “expressão viva das tradições, crenças e modos de agir de um povo”.

Nos palcos, Hugo Luna atua não apenas como cantor, mas como contador de histórias, educador sensível e guardião da memória coletiva. Sua arte dialoga com a noção de paisagem simbólica enfatizada por Michel Collot (2011), segundo o qual a

experiência estética e imaginária está profundamente ligada ao território. Sua poética celebra a multiplicidade de sentidos presentes na cultura popular e une música, poesia, afetos e valores humanos. Recebeu também o título de Embaixador da Paz, concedido por João Bosco Ramalho, reconhecimento que reforça sua trajetória marcada pela harmonia, ternura e compromisso com a dignidade humana.

A obra de Hugo Luna se insere na tradição do regionalismo literário, dialogando com autores como Ariano Suassuna, que compreende o Nordeste como um território simbólico constituído de luta, fé e imaginação. Sua produção contribui para a preservação da identidade cultural da Chapada Diamantina, tornando-se elo entre memória, arte e resistência, aspectos essenciais para a compreensão da cultura popular brasileira.

3 ANÁLISES DAS POESIAS

3.1 A Fuga dos Rios: ecopoesia e denúncia ambiental

O poema “A Fuga dos Rios” aborda de forma contundente a degradação ambiental, tema que se tornou recorrente na literatura contemporânea e que dialoga com reflexões teóricas sobre ecopoética. A crítica que Hugo Luna faz à destruição dos rios ecoa preocupações atuais com sustentabilidade e responsabilidade humana. Segundo Michel Collot (2011), a paisagem é inseparável da experiência sensível e imaginária que o sujeito mantém com o mundo. Nesse sentido, ao relatar o desaparecimento dos rios Cochó, Campestre e Prata, o poeta realiza um ato de memória e resistência.

Em entrevista, Hugo Luna afirma: “Na verdade, os rios não morrem, eles se entranham no seio da terra e um tempo depois ele aparecerá. No decorrer do poema eu descrevo sobre as agressões que o homem faz com os rios.” (HUGO LUNA, 2025, entrevista oral).

Essa afirmação reforça que o poema nasce da observação direta das transformações ambientais da Chapada Diamantina. A literatura, como afirma Antonio Candido, permite que a sociedade tome consciência de si. Dessa forma, o texto de Hugo Luna não apenas denuncia a degradação ambiental, mas também convoca o leitor a reconhecer sua responsabilidade diante do destino dos recursos naturais.

O poeta revisita memórias da infância e juventude, período em que os rios eram espaços de convivência, lazer e fartura. Com o passar do tempo, esses cursos d'água passaram a sofrer com despejo de esgoto, resíduos agrícolas e assoreamento, processo que Costa e Pereira (2014) identificam como tensão entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental.

A seguir, apresenta-se o poema:

A Fuga dos Rios

Cadê meu rio campestre
Cadê meu rio cochó
E fauna e a flora silvestre
Que reduzimos a pó

Cadê o rio da prata
Cadê o rio da baixinha
Não culpem só quem desmata
A culpa é sua e minha

Construímos residências
Canalizamos esgotos
E agora as consequências
São nossos projetos rotos

Na certa o rio se escondeu
De todos nós com certeza
O que falar pra meu eu
E para mãe natureza

Hugo Luna, em 2000.

O eu lírico coloca os rios como vítimas indefesas da ação humana, recurso comum em produções ecopoéticas que buscam sensibilizar o leitor para questões

ambientais. Essa personificação reforça o caráter de denúncia, pois rios que antes simbolizavam abundância passaram a representar destruição e abandono.

Além disso, o poema tem forte dimensão memorialista. Halbwachs (1990), afirma que a memória coletiva é reconstruída conforme as necessidades do presente. A lembrança saudosa dos rios, portanto, fortalece a crítica ambiental e reforça a importância do pertencimento territorial.

3.2 As Belezas do Sertão: celebração da identidade e da cultura sertaneja

O poema "As Belezas do Sertão" assume tom celebrativo ao exaltar elementos simbólicos da cultura nordestina, como a chegada das chuvas, as festas juninas, o trabalho rural e a beleza da mulher sertaneja. Enquanto Euclides da Cunha enfatiza a dureza do ambiente no clássico *Os Sertões*, Hugo Luna escolhe uma perspectiva mais afetiva e poética, ressaltando a alegria e a resiliência da vida sertaneja.

Essa visão dialoga com o regionalismo literário brasileiro. Alfredo Bosi afirma que o regionalismo se constitui como uma resposta à necessidade de reconhecer a diversidade cultural do país. Além disso, a representação do sertão como espaço de imaginação e força dialoga com a concepção de Ariano Suassuna, que vê essa região como território simbólico moldado por fé, luta e criatividade.

A seguir, apresenta-se o poema:

As Belezas do Sertão

Tem três coisa no sertão
Qu eu gosto de apreciá
A chuva, moça bonita
E as festa do arraiaá

A chuva traz a fartura
A mulher a formosura
E a festa é pra alegrá
É pra gente se amá

Se chover o gado como
Dá melancia, inhame
Na roça não há mais fome
Viva o trabalho do homem

E a sertaneja bonita
Vai pra festa de São João
Vestindo traje de chita
Dançado xote e baião

Quando a chuva das altura
Cai criadeira no chão
É o início da fartura
É o presente do sertão

Hugo Luna cabra macho
Para o povo se alegrá
Capricha no oito baixo
Toca até o sol raiá

Hugo Luna e Maurílio de Mundo Novo

O poema articula natureza e cultura como dimensões inseparáveis. A chuva representa esperança, fartura e renovação, elementos centrais para o imaginário sertanejo. As festas populares, por sua vez, evocam pertencimento, tradição e afetividade. Câmara Cascudo (2001), afirma que manifestações como as festas juninas constituem expressão viva das tradições populares.

Sobre o processo de criação do poema, Hugo Luna relata:

“As belezas do sertão, ela foi composta assim. Eu trabalhava no Banco do Brasil em Salvador com Maurílio, advogado e muito meu amigo. Ele me apresentou um poema e perguntou se eu podia musicar. Eu melhorei um pouco o poema por causa das metrificações, isso é normal quando duas pessoas compõem. Depois gravei As Belezas do Sertão e ela foi premiada num concurso da FEBRABAN em São Paulo.

Maurilio ficou muito satisfeito, hoje ele está aposentado e mora em uma fazenda na cidade de Mundo Novo, como eu também estou aposentado, mas a gente sempre mantém o contato.” (HUGO LUNA, 2025, entrevista oral).

Na citação acima Hugo Luna explica como se deu o desenvolvimento do poema As Belezas do sertão para então convertê-lo em uma música, essa composição foi a junção de Hugo e Maurílio que além de terem sido colegas de trabalho, mantém uma amizade que permeia até os dias de hoje.

4 HUGO LUNA MUSICADO

4.1 Análise do Hino à Seabra de São Sebastião

O “Hino à Seabra de São Sebastião” é uma composição que exalta a cidade natal de Hugo Luna e sua relação de devoção com o padroeiro local. Trata-se de um hino religioso e cívico que se insere na tradição brasileira de homenagear os santos protetores das comunidades, algo também presente em outras regiões do país. A religiosidade popular, tema central da obra, aproxima o poema de manifestações literárias que celebram fé, cultura e identidade, como ocorre nos textos de Ariano Suassuna, cujo trabalho valoriza profundamente a alma do povo nordestino.

A seguir, o hino é apresentado na íntegra.

Hino à Seabra de São Sebastião

Sinto em cada rua um pouco de ternura,
 Como a tarde, o sol no céu, purpúrea flor
 O amor de Deus em cada criatura
 E a cidade de Seabra é o espaço de amor.

Terna, doce, meiga do campestre a flor
 De uma gente irmã, meiga e cativante
 Adornando o altar do mártir protetor
 Seabra está renascendo a todo instante.

Ontem quando amarrado sob a laranjeira,
 Por nós contrastando sempre do perfume a flor

Hoje eu quero ter, então, a minha vez primeira
De desatar-lhe o nó num gesto de amor.

São Sebastião de flechas vis crivado,
Sobre o altar de Deus, santo martirizado
Dai-nos a coragem pra vencer na vida
E a cada um dos habitantes, um sorriso amado.

Do pequeno templo, São Sebastião
Sai hoje às ruas em missão de louvor
Traz-nos da mãe Virgem toda conceição
Que os filhos desta flor campestre vos têm todo amor.

Hugo Luna, 1984.

A primeira estrofe associa a cidade às imagens de ternura e beleza natural. As metáforas da luz do entardecer e da “purpúrea flor” sugerem harmonia e delicadeza, enquanto a presença do “amor de Deus em cada criatura” reforça a espiritualidade como elemento constitutivo da identidade comunitária. Seabra é descrita como um espaço de amor, quase sagrado.

Na segunda estrofe, a metáfora da “flor campestre” representa à atual cidade das rosas, o texto revela um povo cheio de pureza e simplicidade, atributos compartilhados tanto com a natureza quanto com o povo local. São Sebastião surge como mártir protetor, e o verso “Seabra está renascendo a todo instante” indica vitalidade, renovação histórica e transformação cultural constante.

A terceira estrofe retoma uma cena de sofrimento, simbolizada pela imagem do “amarrado sob a laranjeira”. A árvore funciona como elemento da paisagem regional que une beleza e dor. O gesto de “desatar o nó” aponta para a possibilidade de libertação, renovação e cura coletiva, reforçando o compromisso afetivo com a cidade.

Na quarta estrofe, encontra-se o núcleo religioso do hino. São Sebastião, atingido por flechas, é invocado como mártir protetor. O pedido de coragem e alegria para os habitantes evidencia o caráter orante do texto, reafirmando sua função de cântico de fé e invocação espiritual.

A quinta estrofe descreve a procissão, prática característica do catolicismo popular. O “pequeno templo” simboliza simplicidade e devoção. O santo sai às ruas como mediador entre a comunidade e o sagrado. A referência à Virgem da Conceição reforça a presença da devoção mariana na vida local. O povo é apresentado como “filhos desta flor campestre”, imagem que sintetiza identidade, devoção, pertencimento e ternura.

Hugo Luna descreve, ao longo do hino, o prazer de caminhar pela cidade, apreciando o entardecer e a presença do sagrado no cotidiano. Para o poeta, as pessoas precisam cultivar conexão com o divino, com o eu interior e com seus semelhantes, de modo a transformar o espaço onde vivem em um ambiente de amor e ternura.

Da flor campestre à atual cidade das rosas ou capital da Chapada, o texto revela um povo gentil, acolhedor e unido pela fé em São Sebastião. Através de imagens devocionais, o hino expressa o amor e a admiração dos moradores pelo padroeiro, lembrando seu sacrifício e sua intercessão divina, ao mesmo tempo que solicita coragem e proteção para toda a comunidade.

Quando analisado em conjunto com outros poemas, o hino ganha significado ainda mais amplo. Enquanto *A Fuga dos Rios* denuncia a degradação ambiental e dialoga com debates da crítica ecológica e com a tradição da literatura popular, o poema *As Belezas do Sertão* valoriza a cultura sertaneja, celebrando a chuva, as festas juninas e a vida rural, construindo uma visão poética que contrasta com a dureza apresentada por Euclides da Cunha.

Assim, o Hino à Seabra de São Sebastião integra religiosidade popular e civismo, reforçando o pertencimento comunitário e revelando o lado místico e afetivo do autor, marcado por sua vivência em colégios católicos e festividades religiosas.

A obra de Hugo Luna dialoga com importantes nomes da literatura nacional. Pode-se aproximá-lo da perspectiva de Mário de Andrade, para quem a verdadeira cultura brasileira nasce das raízes populares. Como afirma o modernista, é no povo que se encontra a base da originalidade nacional. Nesse sentido, a poesia de Luna, ao enaltecer a cultura sertaneja, a religiosidade e a relação com a natureza, reafirma

que a literatura regional não é menor ou marginal, mas fundamento essencial da literatura brasileira.

Também se nota afinidade com Patativa do Assaré, cuja poesia valorizava a vida do sertão e denunciava injustiças sociais. Em seus versos, Patativa afirmava: “Sou fio das mata e canto a vida do meu torrão”, atitude que se reflete na postura de Hugo Luna ao transformar sua cidade natal em matéria poética e sua vivência comunitária em expressão literária.

Outro paralelo surge com Euclides da Cunha, que imortalizou o sertanejo como figura resistente. Embora Euclides destaque a tragédia e a aspereza, Hugo Luna opta por uma visão mais afetiva e luminosa, celebrando esperança, religiosidade e a força simbólica do sertanejo, sem ignorar problemas sociais e ambientais.

Por fim, é possível relacionar a obra de Luna às reflexões de Ariano Suassuna, que defendia a cultura popular como base da identidade nacional. Suassuna afirmava que o povo é o grande artista anônimo do Brasil, e a produção de Hugo Luna, ao valorizar festas religiosas, devoções a santos e a musicalidade do forró, reflete essa mesma visão, integrando tradição, poética e identidade cultural.

5 HUGO LUNA E A RELIGIÃO

Durante a entrevista realizada com Hugo Luna em 2025, o autor refletiu sobre sua trajetória religiosa e espiritual, explicando como essas experiências influenciaram sua vida e sua criação artística. A seguir, apresenta-se sua fala na íntegra:

A religião tem muita importância na minha vida porque minha mãe, meu pai e minhas irmãs eram todas da Igreja Católica. Como eu nasci no final da década de quarenta, o catolicismo era muito sólido aqui na América Latina e no mundo todo, desde o Império Romano. Por causa dessa religiosidade dos meus pais e irmãs, fui estudar para ser padre e permaneci sete anos no seminário. Durante aproximadamente seis desses sete anos, atuei como professor de Bíblia. Depois, passei a discordar de alguns dogmas da religião católica e decidi sair, mas continuei frequentando a igreja como uma liturgia. Eu orava e participava das celebrações.

Com o tempo, comecei a estudar outras tradições religiosas.

Passei por várias igrejas evangélicas, como Testemunhas de Jeová, Batista e Assembleia de Deus. Depois de um período, fui para o espiritismo. No entanto, depois de certo tempo no espiritismo, percebi que aquilo não me preenchia. Hoje, eu, Hugo Luna, não tenho religião alguma. Se alguém me convida, eu participo pela liturgia e não pela fé. Atualmente, sou uma pessoa mística.

Baseio essa visão no princípio presente na primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 3, versículos 16 e 17, onde se afirma que Deus habita em cada ser humano. O corpo possui sessenta trilhões de células e cem bilhões de neurônios. Este corpo, que está por enquanto no planeta, é a morada de Deus e é substancialmente gerenciado pela força do pensamento. Como diz o egípcio Hermes Trismegisto, tudo é mente e tudo é vibração. Se você direciona sua mente e sua vibração para Deus, o seu corpo, que é templo divino e onde Deus está presente em cada célula e em cada neurônio, torna-se um espaço de comunhão com o sagrado. Para mim, não há necessidade de ouvir sermões de padres ou de líderes religiosos.

(HUGO LUNA, 2025, ENTREVISTA ORAL).

5.1 Análise acadêmica

A fala de Hugo Luna demonstra um percurso espiritual marcado pela diversidade de vivências religiosas e por um processo contínuo de busca interior. Mesmo tendo passado pelo catolicismo, por igrejas evangélicas e pelo espiritismo, o autor afirma não ter encontrado nessas instituições respostas que o preenchessem plenamente. Por isso, define-se hoje como uma pessoa mística, perspectiva que se manifesta fortemente em sua obra poética.

Sua ligação com a natureza, constantemente presente em seus poemas, relaciona-se a essa visão mística, em que elementos naturais representam forças espirituais, energias e símbolos de transcendência. Embora mencione santos, rituais e tradições religiosas, Hugo Luna não se considera adepto formal de nenhuma religião, mas alguém conectado às forças invisíveis que estruturam o universo e à ideia de um sagrado interior, alinhada à noção de que o corpo humano é morada divina.

Essa concepção reforça a presença do misticismo em sua produção literária e contribui para compreender a maneira como o autor articula religiosidade, arte e natureza em seu universo poético.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito analisar a trajetória artística e a produção poética de Hugo Luna, evidenciando sua relevância cultural e literária para a Chapada Diamantina e para o cenário brasileiro. O estudo buscou identificar as influências regionais e universais presentes em sua obra, relacionando-as às tradições da literatura nordestina e nacional, além de compreender como sua poética contribui para a valorização da identidade sertaneja. Verificou-se que, por meio de poemas como “A Fuga dos Rios”, “As Belezas do Sertão” e o “Hino à Seabra de São Sebastião”, o autor articula temas fundamentais como preservação ambiental, celebração da cultura popular e expressão da religiosidade. Tais elementos aproximam sua produção da obra de escritores como Euclides da Cunha, Patativa do Assaré, Ariano Suassuna, Mário de Andrade e Manoel de Barros.

Conclui-se que a obra de Hugo Luna reafirma a vitalidade do regionalismo literário na contemporaneidade, preservando a memória cultural da Chapada Diamantina e projetando o sertão como espaço de resistência, sensibilidade estética e universalidade. Sua poesia recupera vivências, paisagens, valores e tradições, reafirmando a importância do imaginário sertanejo na construção da identidade brasileira.

A relevância desta pesquisa encontra-se também no fortalecimento da literatura regional, ao destacar um autor que, mesmo profundamente enraizado em sua terra natal, dialoga com questões amplas da literatura brasileira, especialmente no que diz respeito às dimensões identitárias, sociais e ambientais. O estudo é útil para estudantes, professores, pesquisadores e apreciadores da cultura nordestina, pois contribui para ampliar a compreensão sobre como a poesia de Hugo Luna retrata o sertão e seus múltiplos sentidos.

Espera-se que esta investigação estimule novas análises comparativas com outros poetas nordestinos e amplie o debate sobre a literatura regionalista, sua

atualidade e seu papel na formação cultural e educacional. Além disso, reforça-se a importância de reconhecer a Chapada Diamantina como um espaço literário de grande relevância nacional, cuja riqueza simbólica merece ser continuamente estudada, preservada e divulgada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins, 1928.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 1. ed. São Paulo: Martins, 1928.

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*. São Paulo: Hedra, 1978.

BARRETO, Antônio. *A consciência ecológica que os nossos filhos precisam ter*. 2007. Apud COSTA; PEREIRA, 2014.

BARROS, Manoel de. *Livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

A BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

COSTA, Maria Suely da; PEREIRA, José Carlos Ribeiro. *Literatura e meio ambiente: a visão ecológica na poesia popular*. Campina Grande: UEPB, 2014.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

HERMES TRISMEGISTO. *O Caibalion: os três iniciados*. São Paulo: Pensamento, data variável.

HUGO LUNA. Entrevista concedida a Valdirene Ferreira Souza. Seabra, 2025.

SUASSUNA, Ariano. *Almanaque armorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SUASSUNA, Ariano. *O romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vae-Volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

ANEXOS

ANEXO A – Poema “A Fuga dos Rios” (versão integral)

Autor: Hugo de Luna Freire Sobrinho

Fonte: Acervo do autor, reprodução autorizada em 2025.

A fuga dos rios

Cadê meu rio campestre

Cadê meu rio cochó

E fauna e a flora silvestre

Que reduzimos a pó

Cadê o rio da prata?

Cadê o rio da baixinha?

Não culpem só quem desmata

A culpa é sua e minha

Construímos residências

Canalizamos esgotos

E agora as consequências

São nossos projetos rotos

Na certa o rio se escondeu

De todos nós com certeza

O que falar pra meu eu

e para mãe natureza?

Autor – Hugo Luna.

ANEXO B – Poema “As Belezas do Sertão” (versão integral)**Autor:** Hugo de Luna Freire Sobrinho**Fonte:** Acervo do autor, composta em 2000, reprodução autorizada em 2025.**AS BELEZAS DO SERTÃO**

Hugo Luna e Maurilio de Mundo Novo

Tem três coisa no sertão
qu'eu gosto de apreciá :
a chuva, moça bonita
e as festa do arraiá.

A chuva traz a fartura
a mulher a formosura
e a festa é pra alegrá
é pra gente se amá.

Se chover o gado como
dá melancia, inhame
na roça não há mais fome.
Viva o trabalho do homem.

E a sertaneja bonita
vai pra festa de São João
vestindo traje de chita
dançando xote e baião.

Quando a chuva das altura
cai criadeira no chão,
é o início da fartura,
É o presente do Sertão.

Hugo Luna cabra macho
para o povo se alegrá
capricha na oito baixo
Toca até o sol raiá.

ANEXO C – “Hino À Seabra De São Sebastião” (versão integral)**Autor:** Hugo de Luna Freire Sobrinho**Fonte:** Acervo do autor, reprodução autorizada em 2025.**HINO À SEABRA DE SÃO SEBASTIÃO**

Hugo Luna

Sinto em cada rua um pouco de ternura,
Como a tarde, o sol no céu, purpúrea flor...
O amor de DEUS em cada criatura.
...E a cidade de SEABRA é o espaço de amor.

Terna, doce, meiga do Campestre a flor...
De uma gente irmã, meiga e cativante
Adornando o altar do MARTIR protetor...
SEABRA está renascendo a todo instante.

Ontem quando amarradosob a laranjeira,
Por nós contrastando sempre do perfume a flor.
... Hoje eu quero Ter, então, a minha vez primeira
de desatar-lhe o nó num gesto de amor.

São SEBASTIÃO de flexas vis crivado,
Sobre oaltar de DEUS, Santo martirizado.
Dai-nos a coragem pra vencer na vida
E a cada um dos habitantes, um sorriso amado.

Do pequeo templo, SÃO SEBASTIÃO
Sai, hoje, às ruas, em missão...louvor!
Traz-nos da MÃE MIRGEM toda CONCEIÇÃO
Que os filhos desta flor Campestre, vos tem todo amor.

ANEXO D – Manuscrito “Hino À Seabra De São Sebastião” (versão integral)

Autor: Hugo de Luna Freire Sobrinho

Fonte: Acervo do autor, reprodução autorizada em 2025.

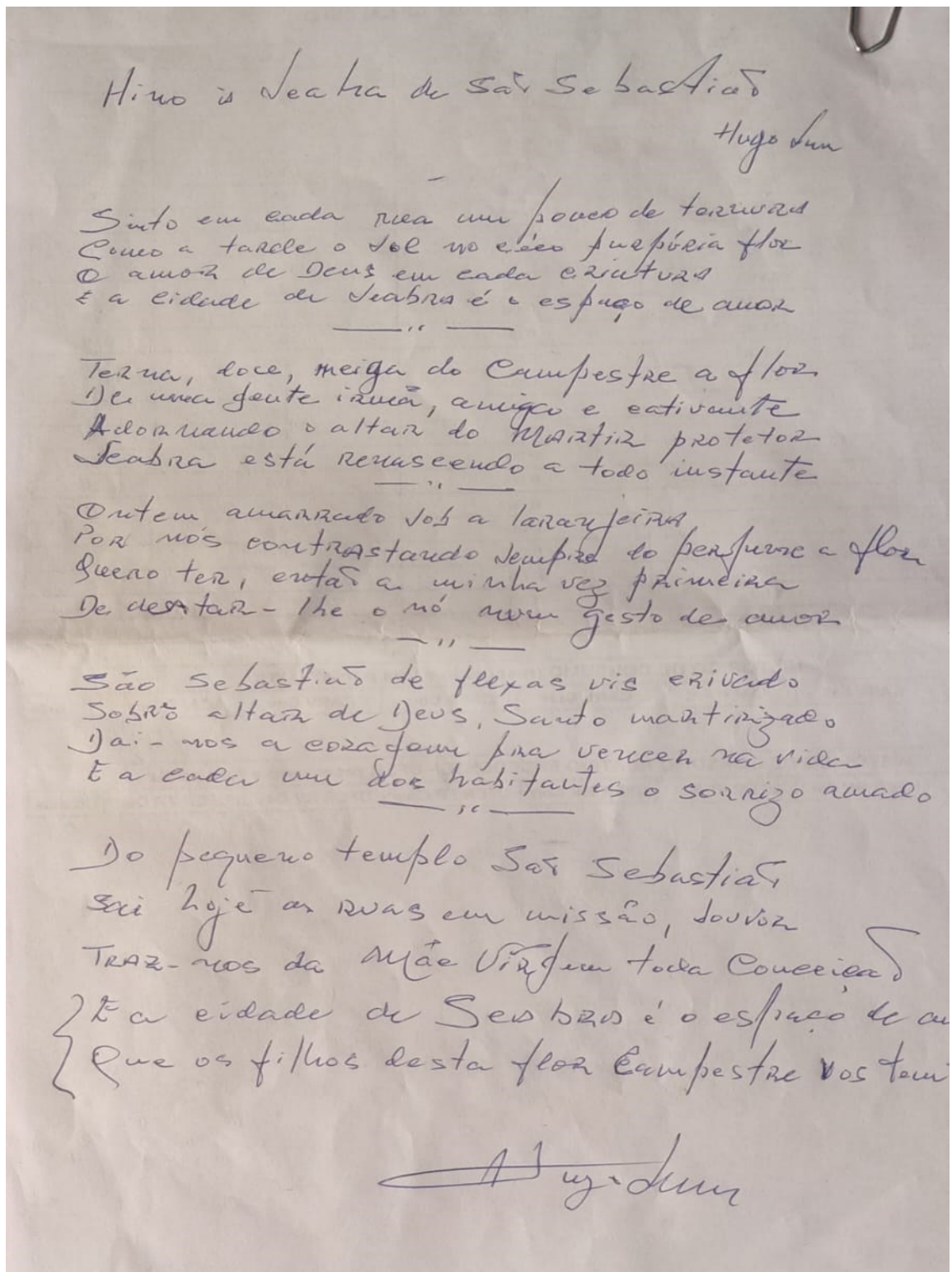


Figura 1 – Hugo Luna durante apresentação musical no Forró Pé de Serra do Chapada, 2025.

Fonte: Acervo pessoal do autor. Autorização concedida em 2025

Fotógrafo: Smitson



Figura 2 – Hugo Luna em sua residência.

Fonte: Acervo pessoal do autor. Autorização concedida em 2025.



Figura 3 – Igreja do Bom Jesus, Seabra, 2020.

Fonte: Nilson Santos, acesso em 2025.



Figura 4 – Praça dos correios, Seabra, 2025.

Fonte: < <https://rededeatores.com.br/cidadesempreendedoras/municipio/ba-seabra>>



Figura 5 – Hugo Luna na FELISE – Feira Literária de Seabra, homenagem em novembro de 2025 em Seabra.

Fonte: Acervo pessoal do autor. Autorização concedida em 2025.

Figura 6 – Cartaz de apresentação de Hugo Luna em Lencóis na UEFS EM



2025.

Fonte: Acervo pessoal do autor. Autorização concedida em 2025.

APRESENTAÇÃO MUSICAL

HUGO LUNA

🕒 19 DE JUNHO | 17 horas

📍 **Campus Avançado da Chapada (UEFS)**

*Praça Horácio de Matos, 854,
Centro - Lençóis*



GOVERNO DO ESTADO

BAHIA



UEFS

CACD

Figura 5 – Hugo Luna homenageado na FLITA – Feira Literária de Itaberaba com o OSCAR CHAPADA, em 2025.

Fonte: Acervo pessoal do autor. Autorização concedida em 2025.



ANEXO F – LUNA, Hugo. Poesia e Identidade Regional. [Entrevista concedida a] Valdirene Ferreira Souza, artigo acadêmico, UNEB, Seabra, em 01 de outubro de 2025.

Introdução: “A entrevista é um dos métodos de pesquisa cujo objetivo é obter informações da realidade. Ela é movida pela escuta e pela arte.” ORNELLAS, Maria de Lourdes Sampaio. **[Entre]vista: a escuta revela**. Salvador: EDUFBA, 2011. (Série Métodos e Técnicas de Pesquisa).

1 - Por que o senhor se interessou pela música?

R: A gente já nasce artista, porque isto já está “impregnado” na pessoa eu, por exemplo em 1954 com 6 anos já começava a tocar gaita e flauta, admirava muito a música quando ouvia no rádio, mas eu gostava de ver as pessoas cantarem, comecei a desenvolver, tocar violão e sanfona.

2 - Por que a escolha desse estilo musical?

R: Todo estilo para mim é o meu estilo, gosto de todos o que eu desenvolvo hoje é o forró, toquei o primeiro forró em 19 de junho de 1961 na Parnaíba era eu, um triangueiro o zabumbeiro e o pandeirista com a turma do gato, gato é uma comunidade que tem na Parnaíba município de Iraquara. Porém a música que eu ouço aqui em casa é música clássica.

3 - Como se deu a formação da banda atual?

R - Como trabalhava no banco do Brasil fui transferido para São Gonçalo dos Campos e lá encontrei todos os músicos que estão na banda, há 33 anos formei aquilo que virou a família Hugo Luna onde estou com a banda até hoje e não pretendo terminar.

Foi aí que surgiu a atual banda e continuo com o forró pé de serra trabalhamos baseado no trio nordestino, Luís Gonzaga e Jaques do pandeiro. Temos em média umas 380 músicas ensaiadas, em um show cantamos 50 à 60 músicas.

4 - Como o senhor descreve o formato do seu show?

R: Eu sou muito elétrico, eclético no palco, eu olho muito o comportamento do público música x, música y sou um observador para lançar o que há de melhor com a boa música e a letra. No palco sou professor, palhaço, educador, cantor, artista, mago, mágico e tento mostrar para as pessoas o que há de melhor no ser humano como artista, não é só cantar é encantar também.

5 - Tem alguma música em especial de sua autoria que traduz o forró pé de serra na chapada diamantina?

R: Sim são as seguintes composições: cadê meu diamante e Heróis da chapada.

6 - Como o senhor ver a cultura atual de Seabra?

R: Vejo com bons olhos, os movimentos culturais e musicais que surgiram aqui em Seabra como o grupo cultural Pedro Madalena, projetos culturais de Ioia Brandão, cantores nossos tocando em barzinhos e cantando músicas de boa qualidade. Sei que existe aqui uma grande massa de pessoas que ouve músicas que não considero que são construtivas para a sociedade, mas compreendo isso.

7 - Sobre o poema as belezas do sertão e a junção de Hugo Luna e Maurilio, como se deu esse processo?

R: Eu trabalhava no Banco do Brasil em Salvador junto com Maurilio, muito meu amigo ambos trabalhávamos no setor jurídico. Ele mim apresentou o poema e perguntou: rapaz você pode musicar esse poema? Eu na hora disse posso, melhorei um pouco o poema por causa das metrificações, isso é coisa normal quando duas pessoas compõem uma música aí eu fiz uma repaginada na música e gravei as belezas do sertão. Na época estava havendo o concurso da FEBRABAN - Federação Brasileira dos bancos em São Paulo, os bancários se inscreviam e a nossa foi premiada aí pegamos o voo para São Paulo para defender lá no teatro CITYBANK HALL, era o melhor teatro da América Latina. A composição foi no ano de 2000.

8 - De que forma a vida e obra de Hugo Luna contribuiu e contribui para a crítica e a cultura de Seabra?

R: Então fiz músicas dedicadas a minha terra entre elas está o Hino de São Sebastião, fiz meus rios, a soma dos três rios, escrevi o livro causos fantásticos do poeta Robson de Queiroz que contém poesias sobre Seabra.

9 - Qual a importância da religião para o Senhor?

R: A religião tem muita importância na minha vida, porque meus pais, minhas irmãs eram todos da igreja católica como eu nasci no final da década de 40 então o catolicismo era muito sólido aqui na América Latina no mundo todo do império romano, eu por causa dessa religiosidade dos meus pais irmãs fui estudar para ser padre, levei sete anos no seminário e dos sete anos, mais ou menos seis levei sendo professor de bíblia, depois discordei dos dogmas da religião católica e sair. Mas continuei frequentando a igreja como uma liturgia orava e etc...

10 - Em que ano foi criado o Hino de São Sebastião, foi uma inspiração do senhor ou foi um pedido da comunidade?

R: Compus o Hino em 1984, neste ano o dia do padroeiro caiu em um domingo e era uma tarde muito ensolarada e eu fiquei ali né olhado, já tinha terminado a procissão, o padre já tinha feito as liturgias tudo e eu já estava com o carro arrumado para viajar para Argoim que era um sítio onde eu morava, morei dez anos lá, Argoim fica à 30 km de Castro Alves cidade que eu trabalhava. Peguei a estrada e começou a vibrar a música, quando eu olhava para o céu era tardezinha e o sol estava muito vermelho ali para o lado do poente, aí eu comecei a escrever:” Sinto em cada rua um pouco de ternura como a tarde o sol no céu purpuria flor o amor de Deus em cada criatura e a cidade de Seabra é um espaço de amor”. Eu parava o carro, abria o caderno e escrevia e fui levando e vai estrada... naquela época não tinha esse movimento que tem hoje. “terna doce meiga do campestre a flor de uma gente irmã amiga e cativante aí eu me lembrei da procissão adornando o altar do mártir protetor, Seabra está renascendo a todo instante”. Quando cheguei em Argoim já era noite e fiquei ao piano concatenando harmonizando as notas musicais com a poesia que eu tinha escrito, assim nasceu o Hino de São Sebastião.

Agradeço a Deus, ao tempo e ao meu eu, por ter traduzido durante esses anos, a glória milenar da poesia daquele que sem dúvida foi e será o maior poeta da minha flor campestre que a geografia intitula de Seabra.
(Hugo Luna)

ANEXO G – Autorização assinada por Hugo Luna, 30/11/2025.**Declaração de Autorização para Uso de Imagens e Obras**

Autor: Hugo de Luna Freire Sobrinho

Eu, Hugo de Luna Freire Sobrinho, autorizo a reprodução de meus poemas, músicas, trechos de entrevista, imagens e demais materiais presentes neste Trabalho de Conclusão de Curso, de autoria de Valdirene Ferreira Souza, exclusivamente para fins acadêmicos.

Seabra, 30 de 11 de 2025.

